

TEXTO BASE

35ª SEMANA DO MIGRANTE - 14 A 21 DE JUNHO DE 2020

TEMA: Migração e Acolhida

LEMA: “Onde está teu irmão, tua irmã?”

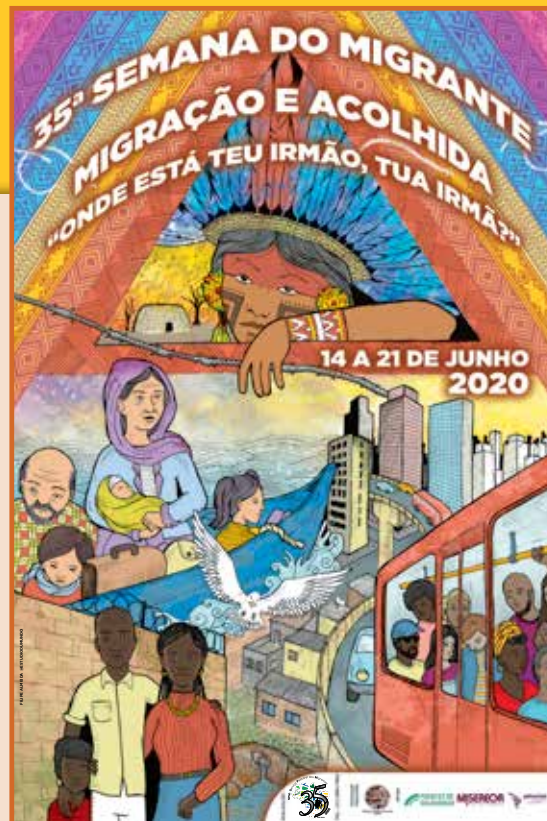
APRESENTAÇÃO

Em 2019, tivemos uma onda de migração e refúgio, nunca vista nas últimas décadas, com a crise do capital no olho do furacão, gerando crises humanitárias, ambientais e guerras. Novas fronteiras agrícolas se tornaram metas dos migrantes, geraram conflitos, e minaram sonhos, nas caminhadas do povo de Deus. Moisés se reinventa no mundo contemporâneo na superação de muros, fronteiras, desumanização e impérios do medo e do ódio. Não é à toa que temos uma Campanha da Fraternidade em 2020, com o tema/ lema: Fraternidade e Vida: Dom e Compromisso / “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10,33-34) –, somos convidados a refletir sobre o significado mais profundo da vida em suas diversas dimensões: Em nossa 35ª Semana do Migrante de 2020, cujo tema/lema é **“Migração e Acolhida: Onde está o teu irmão, tua irmã?”**, expressamos nossa comunhão com a CF e principalmente com a Igreja, a qual se depara com um modelo econômico excludente, que explora, trafica pessoas e escraviza o ser humano na sua integralidade.

É fundamental nesta Semana do Migrante pensar o outro nessa alteridade evangélica, na espiritualidade encarnada e vivenciada nas experiências de acolhida, proteção, promoção e integração do migrante e refugiado. O próprio Papa Francisco, que trouxe o lema do 106º Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, em sua mensagem tradicional **“Como Jesus, forçado a fugir”**, nos apela para olhar o desafio dos deslocamentos internos, que no mundo são mais de 41 milhões de pessoas.

É Deus quem nos interpela: onde está o teu irmão, tua irmã? Qual a minha resposta a DEUS? É a mesma resposta de Caim?: “Por acaso eu sou o guarda do meu irmão?” Para que a minha resposta à Deus seja uma afirmação: “Eu sou o guarda do meu irmão!” Precisamos nos lembrar que somos humanos; porém, muitas vezes, acabamos não sendo irmãos uns dos outros, e nem nos dispomos a ajudar aqueles e aquelas que estão ao nosso redor, precisando de solidariedade, consolo, amizade e presença.

Seguir Jesus é sempre desafiador, pois implica sair de si e dialogar com o diferente. Encarnar o Cristo Vivo no meio dos migrantes e refugiados é missão e chamado da Igreja Samaritana e Profética: Onde está teu irmão?, onde está tua irmã? (cf, Gen 4,9). Pode e deve nos provocar e imaginar: “Talvez esteja sofrendo sozinho, ou sozinha, esperando uma carta nossa, um e-mail, um telefonema ou até mesmo a nossa visita. Talvez esteja nas drogas, na prostituição, na depressão, na solidão, no cárcere, porque não fomos capazes de olhar para o lado e enxergá-lo ou enxergá-la, ou porque não os acolhemos e nem tivemos a coragem de mostrar Jesus, Caminho, Verdade e Vida para eles.”



Como diz um poeta popular: “Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome” – No Evangelho, encontramos: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). O Deus que nos interpela “onde está teu irmão e tua irmã?”, não está distante ou “nas nuvens”, nem nos quer alienados, pois este distanciamento nos afasta Dele e das pessoas, nos tirando a humanidade. Se um dia nossa “experiência de Deus” ou nossa espiritualidade nos afastar dos irmãos, ou nos fazer sentir superiores a eles e, com arrogância, menosprezá-los, podemos nos questionar se fizemos de fato uma experiência com o Deus verdadeiro, na opção preferencial pelos pobres, pelos famintos, migrantes e refugiados, apátridas, deslocados internos. A nossa Semana do Migrante valoriza a dedicação e coragem para dar a Deus uma resposta positiva quando ele perguntar “Onde está teu irmão, tua irmã? Então iremos dizer: “SIM EU CUIDO DO MEU IRMÃO, DA MINHA IRMÃ MIGRANTE e isso é coletivo, é comunitário, é alteridade, é Reino de Deus no meio de nós!!!!

Dom José Luiz Ferreira Sales, CSSR
Bispo de Pesqueira/PE

Presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes -SPM

INTRODUÇÃO

O Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), juntamente com todas as pessoas que atuam no campo da mobilidade humana, apresenta uma vez mais o texto-base e uma série de subsídios para a Semana do Migrante deste ano. Da mesma forma que nos anos anteriores, seguimos em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade de 2020. Por isso, todos os debates, reflexões e atividades giram em torno de um eixo central: a parábola do Bom Samaritano. Na perspectiva da Pastoral dos Migrantes, o “caído” da parábola representa todos os que, pelas mais diversas circunstâncias, se movem em busca de uma casa, de uma pátria ou de uma cidadania digna. Disso resulta que o rosto dos migrantes, prófugos, refugiados, itinerantes, trabalhadores temporários, marítimos, entre outros, é o rosto que nos interpela e nos motiva a uma ação pastoral e sócio-transformadora.



José e Maria, como milhares de palestinos de Nazaré, não poderiam sair de sua cidade e ir a Belém (Foto Reprodução Desenho de Banksy)

Fonte: Reprodução: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2012/12/desenho-de-artista-britanico-mostra-muro-de-israel-no-caminho-da-sagrada-familia/>

I. VER:

O DESAFIO DAS MIGRAÇÕES

Do ponto de vista sociológico, a Semana do Migrante deste ano procura chamar a atenção para o desafio da mobilidade humana: o vasto e complexo mundo das migrações. O presente texto-base visa iluminar, ao mesmo tempo, o tema “*Migração e Acolhida*” e o lema “*Onde está teu irmão, tua irmã?*”. A sociedade encontra-se profundamente marcada pela Mobilidade Humana, e tem sido desafiada a acolher, compartilhar, cuidar e integrar os migrantes e refugiados que atualmente alcançam cifras inimagináveis e representam um “lixo humano que nem as empresas, nem os sistemas políticos, nem os grandes líderes econômicos estão interessados em reciclar”¹.

Convocada a contemplar a vida de Jesus como um migrante, “Eu era migrante e você me acolheu” (Mateus 25, 35), a igreja profética é desafiada a encontrar novas metodologias pastorais para acolher os migrantes, protege-los da xenofobia e de todas as formas de marginalização e atuar para que sejam garantidos e implementados seus direitos fundamentais, sobretudo na saúde, neste tempo de crise do coronavírus.

As migrações têm sido produzidas, em larga escala, pelo sistema capitalista que reproduz relações desiguais, injustas e opressoras. Entretanto, os migrantes são as verdadeiras vítimas deste sistema de exclusão. A criminalização dos migrantes leva a sociedade a não compreender que as migrações são produzidas em



Fonte: Reprodução: <https://marilugares.wordpress.com/2019/07/07/cambia-la-crisis-por-oportunida/>

¹ Papa Francisco: Campanha Compartilha a viagem, 2017.

larga escala, de forma estrutural e sistemática, por um sistema econômico baseado na exclusão e nas desigualdades sociais. Na Amazônia, as migrações internas caracterizadas pelos deslocamentos compulsórios de camponeses, ribeirinhos e indígenas, resultam da intervenção dos grandes projetos economicistas baseados na ganância e no acúmulo de riquezas às custas da exploração desmedida dos recursos naturais, especialmente das grandes mineradoras, dos garimpos clandestinos, das hidroelétricas, das madeireiras e do agronegócio que expulsam os povos de seus territórios e promovem grande devastação, contaminação da terra, do ar e das águas.

Expulsos de seus territórios, homens e mulheres são obrigados a ultrapassar as fronteiras de seus próprios países para garantir a própria sobrevivência e de suas famílias. Nas sociedades de acolhida, longe de serem um problema, os migrantes representam oportunidades de se fazer circular conhecimentos, tecnologias, línguas, trocas sociais e culturais que enriquecem a sociedade.

Os migrantes revelam o rosto de Cristo empobrecido², faminto³, expulso e sem lugar⁴. Revelam também o rosto de Maria na feminização das migrações, que colocam muitas mulheres vulneráveis ao tráfico humano, uma das piores formas de violência contra as mulheres e uma das mais perversas violações aos direitos humanos. O tráfico de mulheres para fins de exploração sexual e comercial encontra-se estreitamente vinculado às migrações e exige um trabalho pastoral articulado em rede com ênfase na prevenção e atendimento às vítimas. Outras modalidades de tráfico humano também desafiam as redes de enfrentamento.

O contexto migratório aponta que os caminhos pastorais passam pela articulação em redes de pastorais de conjunto com novas mo-



"Angels Unawares" de Timothy Schmalz / Barco com migrantes e refugiados. Vaticano 2019

dalidades de colaboração entre as igrejas locais, as Conferências Episcopais, institutos missionários e pastorais, entidades de cooperação fraterna, o diálogo e parceria com as agências nacionais e internacionais dedicadas aos migrantes.

Os deslocamentos forçados de grupos indígenas⁵, consequência de processos históricos de expulsão de seus territórios, e que hoje estão em uma fase de aumento e expansão. É uma mobilidade que contém sua própria especificidade e singularidade. Nos casos em que a circulação destes grupos indígenas ocorre em territórios de circulação tradicional indígena, separados por fronteiras geopolíticas nacionais, torna-se necessário uma pastoral de conjunto transfronteiriça, envolvendo redes de pastorais interinstitucionais e inter-religiosas para atender os Povos Indígenas deslocados de forma ampla. Especificamente no caso da migração de grupos indígenas, a Igreja lembra aos Estados que os povos indígenas são sujeitos de direitos coletivos, reconhecidos nas legislações nacionais e nos instrumentos internacionais, que devem ser garantidos independentemente do lugar onde eles se encontrem.

A livre circulação destes povos deve ser compreendida dentro de suas dinâmicas tradicionais e deve ser respeitada e protegida pelos Estados envolvidos considerando-se o direito dos indígenas a circular livremente pelo território e acessar às políticas públicas que considerem adequadas aos seus interesses. A mobilidade de grupos indígenas tem uma especificidade própria que deve ser compreendida pelos agentes de pastoral e os agentes estatais que com eles atuam. Esta especificidade deve pautar as políticas públicas de acolhida, documentação, educação, saúde, reconhecimento de suas formas próprias de organização social e tomada de decisões, garantindo sempre a efetivação dos direitos contemplados nos instrumentos internacionais como a Convenção 169 da OIT, e de direitos humanos.

Compreendendo que não se trata apenas de migrantes⁶, são pessoas com direitos, são ministros, catequistas, animadores (as) de comunidades, são Igreja em Diáspora e, como tal, precisam ser acolhidos também como Igreja. As novas dinâmicas migratórias exigem que a Igreja cobre das autoridades competentes dos diversos Estados nacionais a garantia dos direitos fundamentais dos migrantes e o cumprimento das obrigações dos Estados no campo da salvaguarda dos direitos, a proteção à vida e saúde das pessoas, as políticas públicas sólidas e consistentes de acolhida e integração e o combate contra toda forma de discriminação, exploração, xenofobia ou criminalização das pessoas e os grupos migrantes.



Crianças do abrigo dos indígenas Warao venezuelanos. Teresina/PI
Fonte: Reprodução: <http://spminforma.blogspot.com/2019/11/piaui-por-socorro.html>

² Mateus 25, 35 "Eu era migrante e tu me acolheste";

³ Mateus 25, 36 "Eu estava faminto e me deste de comer";

⁴ Lucas 3, 1-3;

⁵ Amplamente debatido no Sínodo para a Amazônia com grande preocupação de toda Igreja.

⁶ Tema do Dia mundial dos Migrantes 2019.

II. JULGAR:

EVANGELHO, LUZ PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES

Em sintonia com a temática da CF/2020, do ponto de vista bíblico e teológico-pastoral, o debate sobre o julgar e o agir busca iluminação na conhecida parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37). A luz da parábola reflete uma espécie de “pedagogia da prática de Jesus”. Pedagogia que, de uma forma geral, pode ser aplicada a qualquer pastoral social, mas nossa reflexão se concentra sobre a Pastoral dos Migrantes. De forma mais concreta, vejamos os passos dessa pedagogia que procura “julgar” em vista de um “agir” mais eficaz e transformador.



Dia Mundial do Migrante e do Refugiado 29/09/ 2019 celebrado na cidade de São Paulo/SP
Reprodução blogger spminforma.

A PERGUNTA FUNDAMENTAL

O texto começa com uma pergunta: o que fazer para ter como herança a vida eterna? Trata-se de uma pergunta fundamental. Um questionamento que afeta toda pessoa humana do berço ao túmulo. Vida eterna, neste caso, não tem o sentido de vida após a morte. A pergunta poderia ser feita de outra forma: o que fazer para que minha vida adquira um sentido profundo? É a pergunta pelo significado da existência humana, pela razão de viver, não na outra, mas nesta vida.

“O segredo da existência humana” – diz o grande escritor russo Dostoiévski – “não está simplesmente em viver, mas sobretudo em encontrar o significado da existência”. É isso que aflige o doutor da lei. Daí a pergunta dirigida a Jesus. A preocupação não se orienta para o outro lado da barreira da morte, mas para as motivações que sustentam o sentido da existência aqui e agora. A vida eterna é uma vida marcada de tal forma por gestos de amor e doação, que nem a morte pode apagar. O sentido profundo que conferimos à nossa vida imprime marcas eternas no caminho da história. A pergunta do especialista em leis tem essa perspectiva. Numa palavra, o que fazer para não morrer na hora da morte?

O DIÁLOGO

Após a pergunta fundamental, inicia-se o diálogo entre o doutor da lei e Jesus. Talvez o doutor esteja buscando razões filosóficas ou teológicas para sua existência. Talvez queira um debate de espe-

cialista para especialista. Talvez esteja querendo conduzir Jesus a uma órbita racional e abstrata, onde ambos, como profundos conhecedores da lei de Deus, possam se entender perfeitamente. Enfim, parece pretender levar a conversa para um campo de reflexão teórica, inacessível aos iniciantes.

Jesus desloca o eixo central do diálogo. É como se o encontro tivesse começado no templo e, a esta altura da conversa, Jesus tivesse sentido a necessidade de toma-lo pela mão e o conduzi-lo para fora. Há um claro deslocamento de órbita. Do espaço do templo, Jesus leva a conversa para a rua; da esfera da teologia, Jesus passa para a prática pastoral, do âmbito religioso, Jesus se desloca para o âmbito social. O que importa para Jesus não é tanto o conhecimento sobre Deus, mas as implicações da fé para o comportamento cotidiano. Esse método de Jesus aponta para um dado essencial. A pergunta pela salvação, pelo sentido último da existência humana, não se responde no campo do sagrado, mas nos embates da história. Em síntese, a salvação ou a perdição estão subordinadas à atitude de cada um de nós diante de situações concretas porque passam os migrantes. Daí a preocupação de Jesus em introduzir, no diálogo, uma terceira personagem.

DIANTE DO “CAÍDO”

Nesse clima de diálogo-oração, Jesus introduz uma terceira personagem: o peregrino caído à beira da estrada. Saqueado, marginalizado, à margem da vida. Repete-se o esquema do Êxodo no episódio da sarça ardente. Moisés sobe à montanha para rezar, encontrar-se com Deus, resolver suas dúvidas entre o temor e o compromisso, tranquilizar sua consciência fragmentada – e Javé introduz na conversa uma terceira personagem: o povo hebreu como estrangeiro e escravo no Egito.

Por isso a preocupação de Jesus em apresentar o “caído”. É diante dele que a pergunta fundamental pela salvação adquire seu sentido mais profundo. Quer dizer, a salvação *pessoal* depende da atitude *social* e *política* para com os excluídos da história e da vida, para com os migrantes. Jesus conduz o especialista em leis à rua para que ele refaça a pergunta em outra perspectiva, a partir do pobre. Este se torna, então, o critério último de salvação. A ideia do pobre como critério de salvação fica ainda mais evidente no episódio do juízo final, em Mt 25,31-46. Farão parte do Reino aqueles que, em vida, tiverem estendido a mão aos “caídos” à beira do caminho: Era migrante e me acolhestes”.

“...a salvação pessoal depende da atitude social e política para com os excluídos da história e da vida, para com os migrantes.”

III. AGIR:

OS PERSONAGENS E SUAS AÇÕES PRÁTICAS



19ª Assembleia Nacional do SPM – Luziânia/GO
Foto: Rosinha Martins /2019

Primeiro, temos o “homem que descia de Jerusalém para Jericó”. Alguém que ia para o trabalho, ou dele retornava? Estava a passeio, ou visitando parentes e amigos? O texto silencia qualquer informação a respeito desse caminhaireiro solitário. Trata-se de um personagem anônimo. Representa uma pessoa comum, um trabalhador, uma pessoa do povo, o qual, por qualquer necessidade cruzava o caminho naquele momento fatal. Um migrante pelas encruzilhadas da vida.

Numa curva da estrada, aparecem os ladrões. Também sobre estes nada se diz de particular. Apenas que o roubaram e o deixaram ferido, à beira do caminho. Também eles não têm nome. Representam um segmento da sociedade. Do ponto de vista da Pastoral dos Migrantes, quem são os poderosos que impedem o povo de seguir adiante, de realizar seus sonhos? Em outras palavras, quem são os responsáveis pela exclusão social que, nos dias atuais, condena amplos setores da população à violência, à pobreza e à fuga? Evidente que estas perguntas nos conduzem à economia de mercado e à filosofia neoliberal que, por um lado, concentra o saber, o poder e a riqueza e, por outro, faz crescer o número de vítimas “descartáveis” dessa competição desleal.

Igualmente anônimos são o sacerdote e o levita. Representam o templo, uma instituição que se encontra no coração político e econômico de Israel. Pelo templo passavam as principais decisões, no Sinédrio. Para ele convergiam os impostos, numerosos e elevados.

O sacerdote e o levita, portanto, integram um sistema social, político e religioso que domina toda a palestina. Não custa lembrar que estamos diante de uma sociedade teocrática, onde os detentores do poder sagrado detêm também o poder econômico e político. Por isso, suas preocupações são outras. E Jesus irá mostrar, em outras ocasiões, como os saduceus e os fariseus estavam vinculados aos interesses do templo.

E o samaritano? Como em tantos outros episódios, Jesus faz questão de sublinhar a abertura de coração dos pobres e em especial dos estrangeiros. O personagem pertence a um povo discriminado. Talvez por ser excluído e sofrer o preconceito na própria carne, é o único que se detém e se aproxima do “caído”. Torna-se para o outro “o próximo”, aquele que vai ao encontro, que não mede esforços para socorrê-lo. Supera as barreiras e conveniências sociais, porque está diante de uma emergência. A vida está ameaçada, é necessário tomar uma decisão. O socorro vem das relações sociais e das parcerias solidárias.

A AÇÃO DO SAMARITANO E DE JESUS

A forma de agir do samaritano fornece algumas pistas de como atuar, na Pastoral Social e, em particular na Pastoral dos Migrantes. Duas atitudes básicas diante dos “caídos” à margem da estra-



da e da vida: a sensibilidade e a solidariedade. Entretanto, no conjunto da prática de Jesus, podemos identificar outras duas atitudes de sua pedagogia: o profetismo e a mística libertadora. Vejamos rapidamente cada uma delas.

Antes de mais nada, a *sensibilidade*. O samaritano interrompe seu percurso. O ferido pede socorro. Não há como se omitir. A exemplo da caravana de Jesus, que sempre se detém diante de quem sofre, ele se coloca à disposição dos pobres e excluídos. Talvez seja esta uma das principais lacunas nas atividades das Pastorais Sociais. O imperativo da transformação social acaba atropelando o lado sensível de toda pastoral. Aqui é importante, entre outras coisas, dar atenção aos migrantes que batem às portas, marcar presença nos momentos de dor e de festa, cultivar as relações de proximidade entre os companheiros e companheiras da mesma causa, desenvolver a dimensão afetiva – ao lado da luta pela libertação.

Mas é preciso ir além da sensibilidade. O samaritano não apenas se detém e se debruça sobre a vítima, mas sobretudo demonstra *solidariedade*. Coloca à sua disposição o pouco de que dispõe. Acompanha-o na sua desgraça e oferece até auxílio financeiro. Atitude que atravessa o Evangelho de ponta a ponta e que tem nos Atos dos Apóstolos uma imagem viva, através do exemplo das primeiras comunidades cristãs (At 2,42-47; 4,32-37). O que é ser solidário na prática da Pastoral dos Migrantes? O samaritano fornece algumas pistas: saber “perder tempo”, colocar a seu serviço os recursos humanos e financeiros, acompanhá-los até que se levantem e voltem a caminhar com as próprias pernas.

Nos dias de hoje, porém, deve-se acrescentar o apoio aos movimentos sociais e às organizações de base: conscientização, organização e mobilização dos extratos menos favorecidos da população. Mais do que nunca, torna-se imperativo estabelecer parcerias com todas as forças vivas que se esforçam pela construção de alternativas, ampliar os horizontes do trabalho em rede, do ecumenismo e do diálogo inter-religioso, de forma a potencializar a organização dos migrantes. No vasto campo das migrações, vale a conclusão de Jesus na parábola em questão: “Vai e faça o mesmo”!

Contudo, devemos tornar presente outra dimensão bíblico-evangélica: o *profetismo*. A assistência às emergências é necessária e urgente, mas é preciso identificar e combater as causas da pobreza e da exclusão social. Recuperar a indignação ética do profetismo como fio condutor do Antigo e Novo Testamentos. Não podemos cair no assistencialismo puro e simples. Não podemos ser ingênuos úteis. Temos de ser “mansos como as pombas, mas espertos como as serpentes”.

O exemplo do samaritano deve ser complementado com outras passagens do Evangelho. Urge resgatar a dimensão profética como instrumento de combate à “economia globalizada que descarta, exclui e mata”, para usar as palavras do Papa Francisco. No campo da mobilidade humana, a profecia tem como missão central *denunciar* as estruturas sociais injustas e pecaminosas e *anunciar* os caminhos que levam a uma sociedade justa e solidária. A tarefa é sensibilizar toda a Igreja e a sociedade civil para as questões sociais, ao mesmo tempo que exercem um serviço específico na linha sócio transformadora.

As três dimensões da ação pastoral desenvolvidas acima – **sensibilidade, solidariedade e profetismo** – somente se manterão vivas e equilibradas se forem acompanhadas por uma quarta: a **mística libertadora**. A espiritualidade será o sustento diante das muitas dificuldades na atuação social, política e transformadora. Esta atuação, como bem sabemos, deixa muitas vezes uma sensação de impotência, acumula fracassos, desemboca em frustrações. Daí a necessidade de uma fonte onde encontrar água viva para matar a sede. Os resultados nem sempre são os esperados. Ao contrário, costumam ficar aquém das expectativas. Isso pode trazer, e tem trazido com frequência, desânimo, cansaço e abandono da luta. As crises se multiplicam e atiram ao chão muitos agentes. Oração e ação formam um casamento indissociável, caminham de mãos dadas. Se somos poucos, precisamos atuar como multiplicadores, multiplicadoras, suscitando lideranças, descentralizando, repartindo responsabilidades, sendo fermento na massa!



Fonte: Reprodução: <https://prembaba.blogosfera.uol.com.br/2018/03/30/espiritualidade-e-mais-simples-do-que-parece-e-colocar-o-amor-em-movimento/>
<http://marlivia.blogspot.com/2017/11/charges-migracao.html>



• Em 2019 o número de migrantes no mundo alcançou 272 milhões de pessoas, aponta relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas – DESA/ONU. Esse número equivale a 51 milhões a mais do que em 2010, a maioria situada na Europa (82 milhões) e América do Norte (59 milhões). Estes dados significam que 3,5% da população mundial é constituída de migrantes.

• Existem aproximadamente 4,6 milhões de refugiados e migrantes da Venezuela em todo o mundo. Quase 80% estão em países da América Latina e do Caribe. Os países que mais acolhem venezuelanos são a Colômbia, o Peru e o Equador. O Brasil acolhe mais de 220 mil refugiados e migrantes venezuelanos.

• O Relatório Tendências Globais (Global Trends) do ACNUR/2019, aponta que a maioria dos refugiados vive em áreas urbanas (58%), e que 53% dos refugiados são crianças, incluindo muitas que estão desacompanhadas ou separadas de suas famílias⁷.

• O Conare reconheceu, em junho de 2019, a situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela, nos termos do inciso III do artigo 1º da Lei nº 9.474, de 1997. A decisão possibilita, a adoção de procedimento simplificado no processo de determinação da condição de refugiado para nacionais venezuelanos, mas não dispensa os interessados da entrevista de elegibilidade.

• De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixar seus lares, abandonando as cidades e até mesmo os países em que viviam para fugir de guerras, perseguições e outras formas de violência.

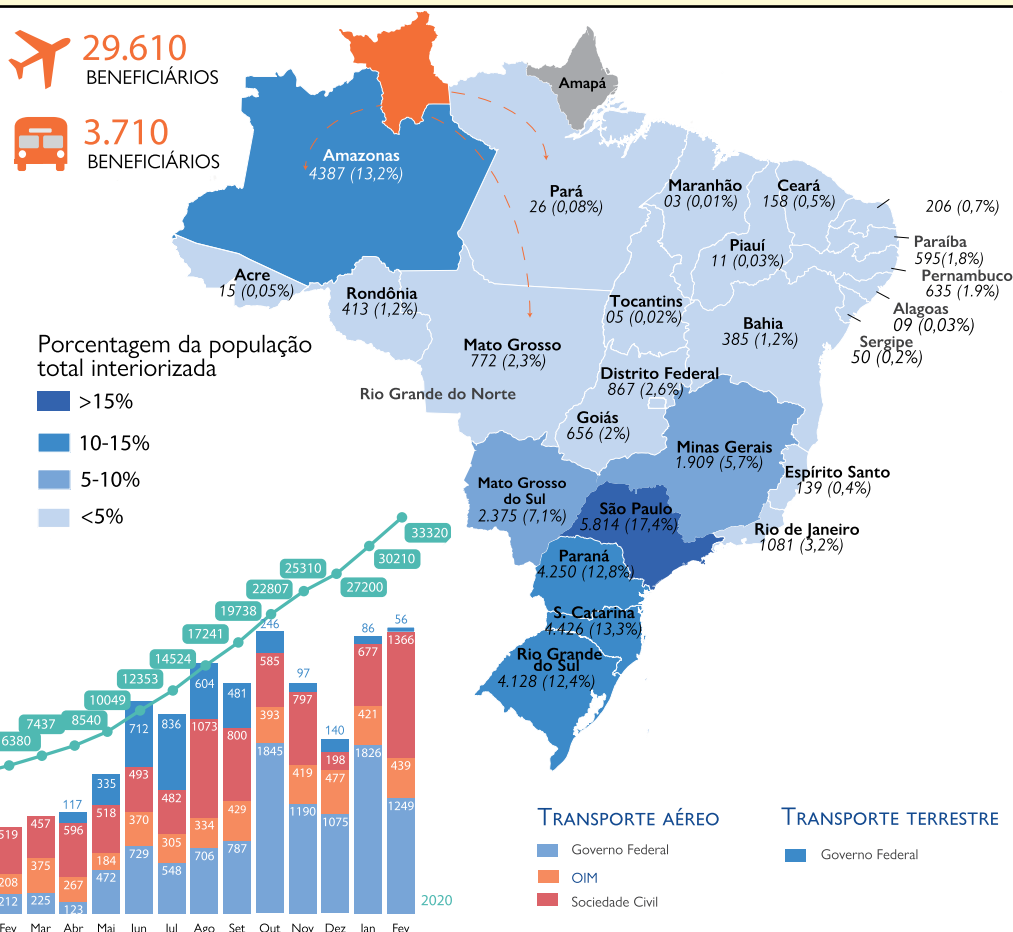
• No total, 137 organismos, incluindo 17 agências da ONU, organizações não-governamentais e entidades da sociedade civil estão trabalhando em 17 países em resposta à crise venezuelana de refugiados e migrantes⁸.

Deslocamentos assistidos de Venezuelanos

33.320
BENEFICIÁRIOS
DESDE ABRIL 2018

CIDADES QUE MAIS RECEBERAM VENEZUELANOS

- Manaus - 4.364
- São Paulo - 2.287
- Dourados - 1.913
- Curitiba - 1.707
- Porto Alegre - 1.208



Fonte: Plataforma Coordenação para Refugiados e Migrantes de Venezuela -R4V
Disponível em: <https://r4v.info/es/documents/details/72086>

⁷ Relatório publicado pelo Inventário de Migração Internacional 2019, conjunto de dados divulgados pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais (DESA) da Organização das Nações Unidas (ONU). Dados disponíveis no site institucional da ONU (www.nacoesunidas.org).

Relatório Tendências Globais ou Global Trends. Publicado no site oficial da instituição no Brasil: www.acnur.org

⁸ Citados por: Oliveira et al. Perfil migratório e identificação de demandas de educação intercultural. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, 2019.

⁸ <https://www.acnur.org/> - dados nov 2019.

HINO DOS 35 ANOS - SPM Serviço Pastoral dos Migrantes

(Letra: Roberval Freire - Interprete: Costa Senna)

Disponível em: canal You Tube- Spm Informa

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=IMyrua6cqMg>

No mundo são tantos muros
Mas também são tantas pontes
O povo migra no escuro
Mas não perde o horizonte

Procurando uma terra
A pátria que dá o pão
Onde não exista guerra
Onde viva a união

Nesse mundo egoísta
Pra poder sobreviver
O migrante é um artista
Pra vencer este sofrer
Homem, mulher e criança
Carregados de saudade
Traz na mala a esperança
E no coração bondade

Este é o chão da Pastoral dos Migrantes
Com o Cristo Peregrino
Bebendo na própria fonte

Já são 35 anos, caminhando e aprendendo
Andando em caminhos novos
E a história escrevendo

Por um mundo de irmandade
Acolher e proteger
Buscando sempre a verdade
Integrar e promover

Celebrando e festando, fazendo santas missões,
Defendendo os direitos e juntando os mutirões,
defendendo a Mãe Terra, as culturas oprimidas,
a Semana do Migrante fala o que é nossa vida!



Pe. Alfredo José Gonçalves, cs. • Márcia Maria de Oliveira, Dr. Professora e pesquisadora da GEIFRON/UFRR.
Criação/Diagramação/Impressão: Renata Lima - A.N. Gráfica

REALIZAÇÃO




 [pastoraldosmigrantes](https://www.facebook.com/pastoraldosmigrantes)

 [pastoraldosmigrantes](https://www.instagram.com/pastoraldosmigrantes)

SPM - SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES

Rua Caiambé, 126 - 04264-060 - Ipiranga

São Paulo - SP - Tel: (11) 2063-7064  (11) 94863-9478

e-mail: spm.nac@terra.com.br

Site: www.spmnacional.org

spminforma.blogspot.com

APOIO



ENTIDADE
PARCEIRA

